



KAROL WOJTYLA E A NORMA PERSONALISTA

André Luís de Sena dos Santos¹
Rudnei da Roza de Abreu²

Resumo: *A reflexão filosófica do personalista Karol Wojtyla elabora a norma personalista como fundante para os relacionamentos humanos, que invés de instrumentalizar a pessoa, a promove, salvaguardando assim seu valor inalienável e dignidade. O amor, na lógica do dom, garante a liberdade individual e a lógica das relações.*

Palavras-chave: Karol Wojtyla. Norma personalista. Pessoa. Amor.

Introdução

O personalismo é uma filosofia que se iniciou na Europa durante a primeira metade do século XX e caracteriza-se por colocar a pessoa no centro de sua reflexão e estrutural conceitual.

Karol Wojtyla (1920-2005) contribui para o método personalista através de uma análise ontológica da realidade, com base no conceito de “experiência integral”:

A experiência de qualquer coisa que se encontre fora do homem sempre carrega certa experiência do próprio homem. Pois o homem nunca experimenta nada externo a ele sem que, de alguma maneira, experimente simultaneamente a si mesmo (WOJTYLA, 2011, p. 31, tradução nossa).

A experiência integral, nesta perspectiva, compreende simultaneamente elementos objetivos e subjetivos. Elementos objetivos que procedem do conhecimento e percepção daquilo é externo à pessoa e elementos subjetivos que se apresentam na vivência individual. Metodologicamente integra-se a filosofia do ser, centrada na objetividade, e a filosofia da consciência, a partir da subjetividade. A filosofia personalista se caracteriza por compreender o conceito pessoa como eixo da antropologia e da ética (BURGOS, 2018).

O personalismo, conforme Moureaux (apud BURGOS, 2018, p. 247), destaca “a prioridade do amor como elemento orientador ação humana e como ação temática determinante, que dá sentido à vida no âmbito das relações interpessoais”. Sem amor, sem ser amada ou impossibilitada de amar, a pessoa desconecta-se do seu real sentido, é uma ausência profundamente desumanizadora.

Objetivos

Apresentar a reflexão filosófica de Karol Wojtyla sobre a norma personalista para relacionamentos interpessoais orientados no amor e para o amor, fora da instrumentalização da pessoa como objeto do egoísmo do sujeito.

¹ Licenciatura em Filosofia, 6º período, IESSA, andreluis.senasantos@gmail.com.

² Filosofia, IESSA, prof.rudnei@iessa.edu.br.

Metodologia

Para a presente pesquisa a metodologia norteadora é de caráter qualitativo a partir das referências bibliográficas consultadas, evidenciando como fonte primária as obras do filósofo personalista Karol Wojtyła.

Resultados/Resultados parciais e discussão

Karol Wojtyła assume a experiência como ponto de partida para a análise do amor, uma vez que a considera como o “processo primário e vivencial por meio do qual a pessoa se relaciona com o mundo” (BURGOS, 2015, p. 19, tradução nossa). Assim, o contexto pessoal e interpessoal que se dá na experiência do amor e ainda a múltipla complexidade de seus fatores, revela que “o amor é sempre uma relação recíproca entre pessoas, que, por sua vez, é baseada na atitude individual e comum delas a respeito do bem” (WOJTYLA, 1982, p. 67).

Na experiência do amor é possível uma profunda conexão entre amor e pessoa, que na perspectiva da antropologia filosófica pode-se afirmar que somente a pessoa é digna de amor, capaz de amar e só o amor permite uma autêntica relação entre as pessoas (CASAS, 2018), não sendo, portanto, compreender o amor “fora da pessoa”, e, do contrário, não é possível compreender a pessoa “fora do amor”.

O amor revela a pessoa, uma vez que “só pessoas partilham do amor” (WOJTYLA, 1982, p. 28). A reflexão filosófica de Wojtyła acerca da pessoa, considera a pessoa como “alguém” e irredutivelmente distinta dos outros seres do mundo visível considerados como “algo”, não basta referir-se a pessoa como um indivíduo de uma espécie.

No percurso filosófico de Karol Wojtyła, a norma personalista é apresentada como fundamental para nortear os relacionamentos humanos, principalmente no campo ético da sexualidade, que na pós-modernidade tem sido tão instrumentalizada ao devir do ego hedonista (LIPOVETSKY, 2005). Nesta perspectiva, a pessoa é ponto de partida e ponto de chegada antropologia personalista Wojtyliana, que considera “o princípio da afirmação da pessoa pelo simples fato de que é uma pessoa” (JOÃO PAULO II, 1994, p. 187).

Em Amor e Responsabilidade, obra publicada em 1965, e elaborada a partir de sua atividade pastoral junto aos jovens, Karol Wojtyła formulou o conceito de norma personalista com a finalidade de traduzir o mandamento do amor na linguagem da ética filosófica.

A pessoa é um ser para o qual a única dimensão adequada é o amor. Nós somos justos no tocante a uma pessoa se a amamos: isto vale tanto para Deus como também para os seres humanos. O amor por uma pessoa exclui que se possa tratá-la como um objeto de gozo (JOÃO PAULO II, 1994, p. 186).

Na filosofia, tal proposição utilizada por Wojtyła, já está apresentada na ética kantiana e constitui o conteúdo do assim chamado segundo imperativo (KANT, 2005). Todavia, o autor considera este imperativo insuficiente para interpretar o mandamento do amor

Se Kant desse ênfase ressaltando fortemente que a pessoa não pode ser tratada como objeto de gozo, faz isso para contrapor-se ao utilitarismo anglo-saxão e, desse ponto de vista, pode ter alcançado o seu objetivo. Na verdade, ele não se limita a excluir todo comportamento que reduza a pessoa a mero objeto de prazer.

A plena realização do mandamento do amor, segundo Wojtyła, está na afirmação da pessoa por si mesma e como dom sincero de si, de modo dialético o autor elucida:

O paradoxo neste caso é duplo e vai em duas direções: a primeira, a possibilidade de sair do próprio “eu”; a segunda, que realizando-o, não se destrua, nem se desvalorize, mas, completamente ao contrário, se desenvolva e enriqueça, evidentemente no sentido suprafísico, moral (WOJTYLA, 1982, p. 86).

Em “Persona y Acción”, Wojtyla (2011) considera que a maturidade (livre) da pessoa consiste na autoposse e no autodomínio, de modo que os impulsos e os sentimentos são orientados pela razão a fim de permitir a sua livre autodeterminação. Logo, é total a liberdade da pessoa, que pertence essencialmente a si mesma, “não se pode encontrar plenamente a não ser no dom sincero de si mesmo” (GAUDIUM ET SPES, 1965 n. 24), e mesmo na “entrega de si” ao outro mediante a doação livre de seu amor, continua sendo livre, “possui-se”, e, por sua vez, é destino e receptora da “entrega de si” da outra pessoa.

Diante dos relacionamentos interpessoais, a lógica do doar-se ultrapassa da lógica do uso, pois “se não se aceita a perspectiva do dom de si mesmo, poderá subsistir sempre o perigo de uma liberdade egoísta” (JOÃO PAULO II, 1994, p. 188). A pessoa, neste sentido, fica ameaçada em seu valor inalienável quando se interpreta a liberdade a partir de uma atitude permissiva, na busca do próprio prazer, mesmo que sublimado.

Considerações finais

A partir da norma personalista fica clara a proposição wojtyliana (1982, p. 27) de que “amar é o oposto de usar”, logo os relacionamentos interpessoais são orientados para uma dinâmica fora do utilitarismo, logo a pessoa nunca é meio para a ação humana, é sempre fim último de qualquer ação. A pessoa é capaz de definir o seu próprio fim, e no amor realiza-se como sujeito e objeto, uma vez que este determina os relacionamentos interpessoais orientados para o bem comum, na lógica da doação de si ao outro, fundamentado na mutualidade e complementariedade, portanto, união de pessoas em sua integralidade e não fragmentos egoicos e narcisistas.

Referências

BURGOS, Juan Manuel. **Introdução ao Personalismo**. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

BURGOS, Juan Manuel. **La Experiencia Integral: Um método para el personalismo**. Madrid: Ediciones Palabra, 2015.

CASAS, Pedro García. **Amor es nombre de persona en Karol Wojtyla**. Barcelona, Herder Editorial, 2018.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição pastoral **Gaudium et Spes** sobre a igreja no mundo actual. Vaticano, 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va>. Acesso em: 09 de outubro de 2020.

JOÃO PAULO II. **Cruzando o Limiar da Esperança**: Depoimentos de João Paulo II a Vittorio Messori. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 2005.

LIPOVETSKY, Giles. **A era do vazio**. São Paulo: Editora Manole, 2005.

WOJTYLA, Karol. **Amor e Responsabilidade: Estudo ético**. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

WOJTYLA, Karol. **Persona y Acción**. Madrid: Ediciones Palabra, 2011.